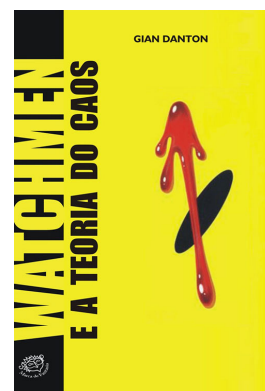


O lugar incomum de Watchmen



Clóvis Furlanetto

Mestrando em Comunicação pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul. Docente no curso de Jornalismo na Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo (SP).

E-mail: cfurlanetto@uscs.edu.br

As histórias em quadrinhos acompanham o movimento literário humano há décadas, mas uma publicação em especial rompeu com a segmentação imposta pelos super-heróis tradicionais. Na obra “Watchmen e a teoria do caos”, o autor procura narrar como se procedeu essa quebra de paradigmas sociais e filosóficos.

O mestre em Comunicação Científica e Tecnológica pela Universidade Metodista de São Paulo, Ivan Carlo Andrade de Oliveira, utiliza um pseudônimo, como os personagens analisados em sua obra lançada pela editora Marca de Fantasia: Gian Danton. Ele também é professor da Universidade Federal do Amapá e é autor de outras publicações, caso de: “Além da Ciência e Quadrinhos” (2005) e “Caligari: do cinema aos quadrinhos” (2010).

O livro possui 97 páginas divididas em quatro capítulos, que levam o leitor em uma viagem pela narrativa das histórias em quadrinhos e pela teoria do caos como forma de entender a psique humana da sociedade atual de uma forma mais realista.

O primeiro capítulo aborda os autores e suas trajetórias profissionais. Alan Moore, Dave Gibbons e Bill Sienkiewicz são retratados historicamente e têm seus trabalhos mais expressivos citados, a fim de que o leitor possa ter um contexto mais profundo para compreender como o processo criativo é desenvolvido.

Para que o leitor entenda a obra *Watchmen*, o autor parte do enfoque em que explica a ideia de Alan Moore, no segundo capítulo, do que “aconteceria se os super-heróis realmente existissem?”. Para isso usa a teoria do caos (daí o subtítulo do livro) sobre o efeito borboleta, que diz que, se o bater de asas de uma borboleta pode ter consequências tão imprevisíveis, imaginemos o que aconteceria ao mundo com o surgimento de seres

superpoderosos: a sociedade humana jamais seria a mesma. “Vista sob a perspectiva dos anos 90, *Watchmen* destaca-se por ser uma obra nitidamente pós-moderna” (p. 30).

Com o título “Uma imagem do caos”, o terceiro capítulo abre o questionamento sobre a estética ser entrópica, ou seja, por ser uma quadrinização que foge do lugar comum das histórias de heróis ao fragmentar as tramas e muito mais informações por páginas, há momentos em que uma imagem toma toda a página e, sem texto, cria-se o chamado *caos semiótico*, termo este utilizado e criado pelo pesquisador Roberto Elísio dos Santos e citado por Danton: “Com tantos narradores, a narrativa se fragmenta (um fato é mostrado de formas diferentes ou muitos fatos são mostrados ao mesmo tempo, com ação alternada) o que causa o *caos semiótico*”. (p. 39)

O quarto e último capítulo faz uma análise da primeira parte do quinto volume da edição brasileira de *Watchmen*, equivalente ao nono volume da edição americana. Página por página ele apresenta argumentos da quadrinização e suas representações, sejam elas reais ou imaginárias (criadas pelos autores com base em fatos que aconteceram ou poderiam acontecer).

A obra tenta traçar um paralelo entre ciência, sociedade e o imaginário no mundo dos quadrinhos. O autor consegue transitar entre o real e o surpreendente da trama de *Watchmen*, e nos mostra que devemos temer o presente se o futuro for manipulado por forças que fogem ao nosso controle.

* * *

DANTON, Gian. *Watchmen e a Teoria do Caos*. 2a. ed. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014. 100p. (Série Quiosque, v. 13)